



A CASA DO MAGO DAS LETRAS
LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

RESUMO

O ruído das turbinas não incomodava os passageiros da classe especial daquele vôo das British Airway. Olhando pela janela, Dorothy Sanders a impressão de que o aparelho descansava, imóvel e leve, sobre flocos de algodão. Adorava voar, adorava viajar. Gostava da agitação, do movimento, do não parar em parte algum e estar em todos os lugares. Como jornalista de uma importante revista americana, tinha esse privilégio agora. O mundo lhe parecia pequeno e ela o conhecia.

Era estranha aquela sensação. Já visitara todos os continentes, conhecia todos os aeroportos famosos, mas estava absolutamente convicta de que nada vira. Para uma garota nascida no interior do Oregon, já fora mais longe do que pudera imaginar, quando, debruçada na janela de sua casa, olhando as plantações, imaginava até onde ia aquele mundo. Na época ele lhe parecia pequeno, delimitado pelas colinas que cercavam a pequena fazenda. À medida que foi vencendo etapas e distâncias, mais e mais aquele mundo crescia e, paradoxalmente, diminuía.

Quando as torres do World Trade Center foram postas abaixo e a guerra ao terrorismo fora declarada, mal sabia ela que, de jornalista, passaria a ser a rainha de um harém, seduzida e seduzindo um homem totalmente diferente dela em todos os sentidos. Um homem que a tornaria rainha, a Rainha da Dança do Ventre.

I – A Caminho de Paris

Dorothy Sanders, uma famosa jornalista, está a caminho do Afeganistão, com uma escala em Paris. O Comandante Kevin, antigo conhecido, promete ser seu cicerone por uma noite. Marcel, um jornalista, aparece trazendo lembranças.

O ruído das turbinas não incomodava os passageiros da classe especial daquele vôo das British Airway. Olhando pela janela, Dorothy Sanders tinha a impressão de que o aparelho descansava, imóvel e leve, sobre flocos de algodão. Adorava voar, adorava viajar. Gostava da agitação, do movimento, do não parar em parte algum e estar em todos os lugares. Como

jornalista de uma importante revista americana, tinha esse privilégio agora. O mundo lhe parecia pequeno e ela o conhecia.

Era estranha aquela sensação. Já visitara todos os continentes, conhecia todos os aeroportos famosos, mas estava absolutamente convicta de que nada vira. Para uma garota nascida no interior do Oregon, já fora mais longe do que pudera imaginar, quando, debruçada na janela de sua casa, olhando as plantações, imaginava até onde ia aquele mundo. Na época ele lhe parecia pequeno, delimitado pelas colinas que cercavam a pequena fazenda. À medida que foi vencendo etapas e distâncias, mais e mais aquele mundo crescia e, paradoxalmente, diminuía.

Sorriu de suas lembranças, quando o comandante da aeronave caminhou pelo corredor ao seu lado. Ela já o conhecia de viagem anteriores. Ele era um homem alto, de ombros largos e sorriso cativante. Suas maneiras inspiravam uma calma surpreendente e, ao mesmo tempo, uma inquietação que, naturalmente, apenas as mulheres entendiam.

— Olá! — sorriu ele, apoiando-se ao encosto da poltrona diante de Dorothy. — Por onde tem andado?

— Pergunta boba! — riu ela. — Como vai, Kevin?

— Voando — brincou ele, e os dois riram. — Vai cobrir algum importante acontecimento em Paris?

— Não, apenas uma conexão.

— Ainda hoje?

— Não, amanhã cedo. Tenho que aguardar um colega que se encontra na Espanha. Um fotógrafo.

— Ah, entendo! Para onde vão em seguida?

— Oriente Médio.

— Afeganistão, não é?

— Como adivinhou?

— Os olhos do mundo estão voltados para lá — sorriu ele, olhando-a de um modo que a fazia estremecer, perturbada — Estarei livre à noite. Só voarei amanhã também.

Havia uma clara sugestão nas palavras dele e no modo como ele a olhava. A jornalista entendeu isso.

— É um convite, comandante? — desafiou ela.

— Se quiser encarar assim... Onde se hospedará está noite?

— No Hotel Marceaux, da rua Caumartin.

— Poderíamos tomar um aperitivo no café de la Paix e depois nos divertimos em algum ponto interessante... Conheço um bom restaurante na Champs Elysees...

— Roteiro aprovado — concordou ela.

— Às oito está bom para você?

— Está ótimo. E você, onde se hospeda?

— Tenho um apartamento, algo simples para minhas estadas aqui em Paris e... — sorriu ele, como se deixasse o resto por conta da imaginação dela.

— Muito cômodo, não? — sorriu ela, com ligeira malícia.

— Até lá, e uma feliz aterrissagem — despediu-se ele, passando adiante.

Dorothy inclinou-se para o lado e, por instantes, voltou a cabeça para olhá-lo se afastar. Depois se reclinou em sua poltrona, olhando para o alto, pensativamente.

* * *

Num café esfumaçado e suspeito da zona do cais, em Marselha, dois homens se encontravam. Um deles vestia-se com sobriedade extrema. Suas roupas eram bem talhadas e caras. A expressão de seu rosto era calma, extremamente calma, como se ele vivesse alheio a tudo que o cercava.

O outro homem, que agora bebericava um uísque, tinha olhos miúdos e brilhantes que pareciam atentos a tudo que acontecia ao seu redor. Vestia-se com roupas comuns. Um paletó surrado, em estilo americano, sobre uma camiseta de marinheiro, molhada à altura do peito de suor.

O homem elegante acendeu um cigarro e, por instantes, fitou o outro com desconfiança.

— Bebe alguma coisa? — indagou o homem de olhos miúdos.

— Vinho branco, por favor!

O outro fez um sinal para um garçom e pediu uma garrafa do melhor vinho branco que tinham ali.

— Vai nos desculpar, senhor, mas nossa adega não é das melhores. A freguesia, sabe... — riu ele, apontando para as mesas ao redor deles.

— Compreendo — respondeu o outro, demonstrando-se claramente aborrecido com tudo aquilo.

Momento depois o garçom os servia. O homem elegante apanhou a garrafa e examinou o rótulo. Fez uma careta de desagrado. O garçom fez menção de levar de volta o pedido, mas ele reteve a garrafa, ordenando, com um gesto, que ela fosse aberta. Degustou um pouco do vinho. Não aprovou nem desaprovou. Seu rosto permaneceu impassível. Ele encarou o homem à sua frente e indagou:

— Tem certeza que ele chega hoje?

— Absolutamente, senhor.

— É de confiança?

— Um profissional no gênero.

— Há de compreender que todos aqueles detalhes mencionados na carta são imprescindíveis.

— Tenho sua carta comigo e posso lhe afirmar com convicção que ele é o homem exato para esse trabalho.

— O preço?

Os olhos miúdos do homem que bebia uísque brilharam mais forte. Ele fez contas mentais, examinou o homem diante de si, calculou a importância do trabalho. Não se tratava apenas de fazer um preço pelo trabalho do profissional. Havia os outros detalhes que teriam de ser preparados para que tudo corresse perfeitamente.

— Eu pensei em algo como... Duzentos mil dólares — disse, enquanto levantava o copo

diante dos olhos e, ao mesmo tempo, examinava a reação do outro.

Nada houve, no entanto, para ser observado. O rosto do homem elegante continuou impassível, como se o preço estivesse mais do que razoável.

— Só um detalhe, senhor — disse, afinal, com certo desprezo. — O preço será pago ao profissional, tão logo ele cumpra sua parte.

— Há de compreender que haverá despesas iniciais, viagens, trabalhos extras na preparação...

— Creio que encontrará aqui o necessário para isso — disse o outro, retirando um envelope e depositando-o sobre a mesa.

O homem de olhos miúdos apanhou-o e abriu-o disfarçadamente. Seus olhos se tornaram, por momentos maiores.

— Acho que dez mil é um adiantamento razoável — disse, voltando ao cálice de vinho.

Levou-o aos lábios, depois o afastou definitivamente.

— Sim, parece-me muito razoável — concordou o outro.

— Neste envelope encontrará todas as instruções. Acho que está tudo muito bem entendido, não?

— Perfeitamente, senhor — concordou o outro.

O homem elegante levantou-se e deixou o café. Lá fora, respirou fundo o ar da noite, mas a maresia o deixou ligeiramente nauseado. Dois homens que estavam à porta do café se acercaram dele.

— Vocês continuam aí. Tão logo ele passe as instruções para o profissional, livrem-se dele. É um homem muito perigoso, pode ser muito falador e isso é muito inconveniente — disse ele, sem alterar um músculo do rosto, enquanto caminhava na direção de uma reluzente limusine.

* * *

Dorothy caminhou adiante do boy que levava suas malas. No elevador, abriu o telegrama que estava à sua espera na portaria.

Houvera uma mudança nos planos, fruto direto dos acontecimentos no Afeganistão para onde ela deveria ir. O novo líder do governo, que tomaria posse em breve, estava de passagem por Paris. Dorothy teria de conseguir uma entrevista com ele, depois partir para o Afeganistão e cobrir os acontecimentos por lá.

Aquela mudança afinal, fora muito providencial. Durante o resto da viagem, ela estivera imaginando como poderia ser excitante conhecer o apartamento do Comandante Kevin. Afinal, estava em Paris e sempre gostava de se divertir naquela cidade. As emoções pareciam ganhar nova força e uma intensa vibração. Talvez fosse a fama da cidade ou, quem sabe, aquele clima de conflitos e mistérios que parecia morar em cada um daqueles prédios históricos, daquelas vielas antigas, daqueles monumentos famosos.

Tão logo se viu sozinha, atirou-se sobre a cama e levantou uma das pernas, tirando o sapato. Repetiu com a outra perna. Desabotoou a blusa e respirou fundo.

— Paris! — exclamou sem conseguir afastar de seus pensamentos o compromisso à noite com o comandante.

Pensou em repousar um pouco, mas haveria tempo para isso no final daquela noite. Precisava sim, estar preparada para quando ele chegasse. Levantou-se e tratou de retirar das malas o essencial. Não podia desfazê-las inteiramente, pois viajaria na noite seguinte.

Em seguida meteu-se no chuveiro, de onde saiu, algum tempo depois, gotejando. Enxugou-se, depois enrolou a toalha ao redor do corpo e foi até a janela. A noite caía mansamente sobre a cidade. Aquela clima permanente de festa e paixões penetrou pelos poros da garota, excitando-a. Seus olhos admiraram a vista maravilhosa que se descortinava diante dela. Observou os obeliscos da Praça da Concórdia, a estrutura metálica da Torre Eiffel, o Arco do Triunfo e as ruas movimentadas.

Adorava realmente Paris, e tinha toda uma noite para gozá-la. Pensou em Kevin. Ele lhe pareceu sempre um homem agradável, e ela torceu para que essa impressão fosse verdadeira. Nada mais maçante em Paris que a companhia de um homem desinteressante.

Deixou a janela aberta ao sabor de uma brisa com perfume de flores e foi se sentar diante do espelho. Levantou os cabelos no alto da cabeça. Não gostou do efeito. Penteou-o para o lado e segurou-os com uma das mãos. O resultado não a agradou. Talvez o melhor a fazer fosse deixá-los soltos e naturais.

Escovou-os demoradamente, enquanto se olhava ao espelho e pensava naquela menininha numa janela onde não se via muito. Sim, seus sonhos todos se tornavam realidade. Sua inquietação permanente dava-lhe o necessário incentivo para concretizá-los todos. Fora um longo caminho, mas ela vencera. O nome de Dorothy Sanders era conhecido e respeitado

em todo o mundo como uma das mais audaciosas e autênticas jornalistas.

Onde quer que aparecesse, ali estavam os acontecimentos do momento, capazes de interessar a todos os leitores do mundo. Suas reportagens famosas eram traduzidas e publicadas em inúmeras outras revistas. Uma polpuda conta bancária lhe garantia um futuro tranqüilo para quando, se isso viesse a acontecer, aquela inquietação afinal desaparecesse. Enquanto isso, era uma mulher cortejada, admirada, invejada. Dorothy estava no topo do mundo e adorava cada minuto disso tudo.

O telefone tocou. Imaginou uma ligação internacional de seu chefe, desejando comprovar que ela recebera as novas instruções. Olhou-se mais uma vez no espelho, satisfeita com seus cabelos, depois foi atender.

— É Dorothy Sanders, a repórter? — indagou uma voz com um sotaque francês inconfundível.

— Marcel! — exclamou ela, com um sorriso feliz nos lábios. — Como soube de minha chegada?

— Temos nosso espões — brincou ele. — Quanto tempo pretende ficar desta vez?

— Um dia apenas...

— E depois?

— É segredo.

— Não para mim. Sei para onde vai...

— Sabe? Então por que perguntou? — indagou ela, com um desafio divertido no tom de voz.

— Gostaria de vê-la ainda está noite...

— É impossível!

— Já tem um compromisso?

— Sim, tenho — reconheceu ela.

— Você não perde tempo mesmo — sorriu ele, e Dorothy se lembrou daquele sorriso

com especial carinho.

Haviam se conhecido em Nova York, durante a cobertura dos atentados terroristas ao World Trade Center. Marcel era correspondente de uma importante revista francesa e se apegara deliciosamente a Dorothy. Juntos haviam enfrentado alguns momentos de agitação, mas haviam, por outro lado, saboreado instantes de intimidade inesquecíveis. Seria bom revê-lo, pensou ela, mas havia o compromisso com o comandante. Seria deselegante dar um bolo, principalmente porque Kevin sempre fora muito atencioso com ela.

— Que acha de almoçarmos juntos amanhã? — sugeriu ele.

— Eu adoraria, Marcel.

— Passo por aí ao meio-dia, está bem?

— Ótimo. Um beijo...

Quando desligou, ela ficou, por instantes, recordando-se daqueles momentos emocionantes em Nova York. Marcel, como todo francês que ela conhecera, sabia fazer uma mulher se sentir realmente como mulher.

— Talvez nas próximas férias — disse ela, em voz alta, olhando-se no espelho.

Soltou, então, a toalha e observou seu corpo nu. Estava ali uma mulher de trinta anos com um corpo de adolescente ainda. Dorothy se orgulhava daquela plástica invejável. Seu rosto ganhou uma expressão de pura malícia quando olhou as roupas que separara para aquela noite. Um conjunto bem esportivo de slack e túnica que usaria sobre o corpo nu, valorizando os encantos de seus seios redondos e firmes. O decote por certo escandalizaria as melhores famílias do Oregon. Em Paris ele estaria perfeitamente enquadrado naquele contexto de permanente festa que pairava no ar.

Consultou o relógio. Ainda tinha uma hora. Sentou-se, nua e esplêndida, diante do espelho. Abriu sua frasqueira e espalhou seu melhor perfume abriu seu estojo de maquilagem e tratou de realçar ainda mais as linhas perfeitas e bonitas de seu rosto. Quando terminou, vestiu-se e saiu à janela. As luzes da cidade criavam um efeito que ela sempre admirara. A Torre Eiffel, ao longe, tinha a aparência de uma árvore natalina à noite, com lâmpadas acesas traçando seus contornos. Retornou momentos mais tarde, para diante do espelho. Olhou-se, deu um toque nos cabelos, depois alinhou melhor o decote sobre os seios, deixando à mostra o vale encantador entre aquelas deliciosas elevações.

Pensou em Kevin, naquela sua calma surpreendente, e imaginou que ele poderia ser carinhoso ao extremo, carinhoso como Marcel, do modo como ela apreciava. Desceu para

esperá-lo no saguão. Um jornal sobre o balcão da portaria chamou sua atenção. Falava da chegada do novo chefe de governo do Afeganistão a Paris e comentava, com detalhes, a situação naquele país.

As coisas estão sob controle e Dorothy nada mais deseja do que curtir sua passagem por Paris, antes de seu trabalho. Estará tudo realmente sob controle? O que o destino prepara para ela, sempre tão segura de si e avessa aos imprevistos?

II – Rumo ao Oriente Médio

Dorothy se encontra com Marcel e as emoções antigas afloram novamente. Ele decide acompanhá-la ao Afeganistão. Rick, o fotógrafo, surpreende Dorothy. Os três embarcam para o Oriente Médio.

Na manhã seguinte, logo ao acordar, Dorothy telefonou para a copa, pedindo seu café no quarto. Depois ligou para a portaria e pediu que mandassem um exemplar do jornal Le Figaro. Vestiu-se sem muita pressa, depois foi para a janela olhar o sol se derramar generoso sobre aquela bela cidade. Algum tempo depois bateram à porta. A copeira trazia-lhe o café e o jornal.

Enquanto ela preparava a mesa para Dorothy, a jornalista abriu o jornal e correu os olhos pelas manchetes, detendo-se um pouco mais em algumas notícias a respeito da situação no Afeganistão. Cabul estava sendo reconstruída, depois da conquista. O governo provisório convocara eleições e um presidente fora eleito. Em breve, todo o país estaria pacificado e democratizado. Dorothy queria estar lá quando isso acontecesse.

Num canto discreto da página, havia uma notícia sobre um cadáver encontrado no Sena, possivelmente de um americano, com o rosto deformado por um tiro de arma potente. Desconhecia-se a identidade do morto e mencionava-se alguma coisa sobre seus cabelos louros. Dorothy lamentou a morte de um compatriota, mas notícia como aquela já não a sensibilizavam mais. A violência do mundo moderno não a espantava.

Após o café da manhã, decidiu pôr em prática o que planejara na noite anterior, antes de dormir. Faltava pouco para as oito. O fotógrafo deveria ser pontual, ou Dorothy se encarregaria de infernizar a vida dele. Apanhou a lista telefônica e descobriu rapidamente o número do hotel onde o novo chefe de governo do Afeganistão estava hospedado. Quando falou em francês, um homem respondeu com um sotaque horrível.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

